

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A GEOGRAFIA NO LIVRO DIDÁTICO

Mariza POLENZ

Boletim Gaúcho de Geografia, 15: 97-101, ago., 1987.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37974/24469>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1987

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A GEOGRAFIA NO LIVRO DIDÁTICO

Mariza Polenz*

O presente texto faz parte da coletânea Problematização do Livro Didático, publicado pela SEC em 1987, e resultado do estudo de um grupo multidisciplinar de professores, reunidos com a finalidade de questionar a qualidade e a forma de utilização dos livros didáticos.

O livro didático de Geografia já foi analisado e criticado inúmeras vezes, mas consideramos que poucos trabalhos avançaram no sentido de apresentar alternativas e sugestões para seu uso em sala de aula. No caso de adotá-lo, cabe ao professor usar da criatividade e realizar ele mesmo esta tarefa.

A justificativa usada para transferir-lhe este papel é a necessidade que ele tem de exercitar seu senso crítico, resguardando a realidade do aluno e da escola. Mas isto é válido até certo ponto. Além das questões práticas relativas à vida funcional do professor e a dificuldade de se reunir uma bibliografia consistente, está a questão da provável fragmentação metodológica e da volatilização do objeto da Geografia.

Neste sentido, se foi necessária e pertinente a sistematização das críticas, também o é a formulação de pressupostos básicos que sirvam de subsídios ao professor, orientando-o na elaboração de uma nova proposta metodológica e evitando que a Geografia perca definitivamente sua unidade.

A Geografia, enquanto ciência, passa atualmente por um profundo processo de reformulação. Encontra-se, portanto, em crise. Enquanto disciplina constante dos currículos escolares, ela "deve" também estar em crise. A crise da Geografia é o sinal da sua renovação.

A crise da ciência geográfica passa por questões teóricas e metodológicas, refletindo-se no seu ensino. Mas a crise do ensino apresenta outras particularidades já antigas que se acrescentam ao problema teórico e metodológico e que talvez a torne mais aguda ainda.

* Professora de Geografia da Escola Estadual de Segundo Grau Infante Dom Henrique, Porto Alegre.

da.

O descaso com que são tratadas as disciplinas humanas - Geografia, História, Filosofia - é notório dentro das escolas. O aluno é levado desde cedo a uma supervalorização das ciências físicas e biológicas e a um desprezo com relação às ciências que tratam do estudo da sociedade.

Tem início aí uma outra particularidade fundamental, que é a questão da ideologia. Valorizam-se as disciplinas ditas exatas em detrimento daquelas que devem levar o aluno ao questionamento da sociedade e à percepção da sua realidade. Não cabe aqui apurar responsabilidades. O mais provável é que, depois de um ano ou anos recebendo aulas de Geografia tradicional, permaneça no aluno a idéia de uma disciplina inútil, apenas uma pedra a mais que poderia, sem prejuízo algum à sua formação, ser simplesmente afastada do seu caminho.

São problemas da Geografia com os quais os professores em sala de aula precisam defrontar-se anualmente: a desvalorização da disciplina, o desinteresse do aluno e o esforço que precisa fazer para tornar suas aulas mais atrativas, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da capacidade de discernimento do seu aluno.

Analisemos agora a questão específica do livro didático.

Para o professor que possui uma concepção tradicional da Geografia, este não se constitui num problema. Mas para quem não a possui, certamente a grande maioria dos livros disponíveis não satisfaz. Para quem considera a Geografia uma disciplina descritiva, neutra, estática, preocupada com a identificação dos "acidentes geográficos" e sua memorização pelos alunos, o livro didático serve. Mais, ainda, o professor é perfeitamente dispensável. pois em sala de aula ele estará repetindo o conteúdo do livro. este sim, senão absoluto do processo ensino-aprendizagem.

Para os que possuem uma visão diferente da Geografia, o livro didático será utilizado como recurso e mediante uma leitura crítica que permita detectar seus erros e limitações.

Para estes professores a Geografia tem como objeto de estudo o espaço social. Não um espaço abstrato, neutro, mas construído pelo homem ao longo de sua história. É um espaço geográfico sim, porém não limitado à sua localização, à sua aparência e funcionalidade, mas o espaço que resulta da ação coletiva e contraditória do homem.

A Geografia Nova valoriza o conhecimento da realidade imediata, do espaço vivenciado pelo aluno, sem, no entanto, perder de vista a totalidade, que corresponde ao espaço mais amplo, onde se definem as determinações - políticas, econômicas, sociais - que nele atuam, condicionando-o.

Nesta perspectiva, os livros didáticos existentes dificilmente podem atender aos objetivos do professor e deverão ser utilizados como fonte de informação apenas. Neste caso, eles voltam ao

"seu devido lugar".

Dessa forma, o professor que se identifica com a Geografia Nova exerce um esforço concentrado para, de um lado, preparar suas aulas independentemente da metodologia utilizada pelo autor do livro escolhido, buscando novas fontes de consulta, e, por outro, enfrentar o julgamento dos alunos, francamente favorável ao "pedagogo" tradicional.

As principais críticas dirigidas aos livros didáticos de Geografia podem ser sintetizadas em doze itens (conforme José William Vesentini, 1982):

1 - Preocupam-se apenas com o divulgar conhecimento, sem desenvolver o raciocínio lógico e o senso crítico;

2 - Negligenciam o estudo do espaço geográfico atual. Distanciamento da realidade;

3 - Seguem pressupostos teóricos que ainda são os da geografia tradicional e não os da geografia crítica;

4 - Fragmentam conteúdos, sem dar idéia de totalidade;

5 - Postulam uma neutralidade dos fatos, evitando seu questionamento;

6 - Ignoram o processo histórico, buscando explicações na causalidade dos fatos;

7 - Transmitem uma visão simplificada da história, sem considerar as condições sociais de produção;

8 - Apresentam o Estado como "neutro", preocupado com o bem coletivo, confundindo-se com a Nação;

9 - Fornecem uma visão ufanista e patriótica do Brasil. São considerados apenas dados oficiais;

10 - Enfocam uma visão de uma sociedade com base na harmonia, sem uma concepção crítica do social;

11 - Explicam a sociedade moderna a partir do espaço natural, e não o inverso, omitindo a ação do homem sobre o meio físico;

12 - Não se preocupam em adequar os conteúdos à realidade existencial dos alunos aos quais se dirigem, ou mesmo em incorporar os recentes avanços da ciência geográfica, mas apenas em seguir o programa oficial.

Qual deve ser a atitude do professor de Geografia diante dessa constatação? Adotar um livro didático e ignorar suas falhas, nunca adotá-lo ou adotá-lo, como já foi sugerido, mediante uma leitura crítica utilizando-o como um recurso dentre outros?

Se pretendemos ser coerentes com a realidade, nossa resposta, mesmo não sendo a ideal, deve se aproximar do sugerido pela últi-

ma opção. Apesar das restrições aos livros disponíveis, as dificuldades de aquisição e acesso pelos alunos e professores - questão financeira, precariedade de bibliotecas, etc. - tornam importante a criação de mecanismos de distribuição, para que seja facilitado o contato com diferentes pressupostos e propostas metodológicas.

Mais do que a escolha, fundamental é a forma de utilização do material bibliográfico.

O professor que optar por uma geografia crítica e transformadora, que desenvolva a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade de seu aluno, certamente já terá se defrontado com incorreções e posturas ideologicamente conservadoras no livro usado em sala de aula. É necessário identificar e criticar essas incorreções e posturas reacionárias. Relacionaremos a seguir alguns exemplos:

1 - A separação da Geografia em física e humana, tradicionalmente adotada em nossos manuais, é uma forma de fracionar o espaço, eliminando qualquer integração entre natureza e sociedade. Estuda-se o físico pelo físico. E o homem fora do seu espaço. No entanto, o homem faz parte da natureza e dessa interação resulta a configuração do espaço concreto.

Mais além das relações homem x natureza, as relações dos homens entre si levam a uma apropriação e utilização desigual do "espaço geográfico".

2 - A questão ecológica deve também ser tratada dentro desse enfoque e não mais como de responsabilidade de todos os homens distintamente. Não se pode imputar a mesma responsabilidade ao trabalhador e ao administrador da fonte poluente.

3 - A divisão regional é outro aspecto que deve ser revisto pelo professor. Como irá o aluno de 6a. série conhecer a nação onde mora se ela não existe em seu livro de Geografia? Estuda-se detalhadamente cada região, mas o Brasil não é visto no seu todo.

O estudo das partes não leva à compreensão da totalidade. A região não se explica por ela mesma, antes sua dinâmica interna é o reflexo do que ocorre no espaço total.

4 - A preocupação em descrever os quatro itens normalmente abordados em geografia física - relevo, hidrografia, clima, vegetação - sem relacioná-los entre si e tratá-los como recursos apropriados pelos homens não se constitui num fazer geográfico. Este é um estudo que cabe a profissionais de áreas específicas e para fins específicos.

Falho também é considerar estes elementos da natureza como alguma coisa estática e eterna, sem dinâmica própria e sem sofrer ação destruidora do homem.

A Floresta Amazônica já não é mais virgem e impenetrável. As demais formações arbóreas estão restritas a pequenas áreas. As águas dos rios nem sempre seguem seu curso natural e em grande par

te do território já há muito deixaram de ser azuis.

Muitas formas de relevo foram alteradas assim como as variações climáticas são cada vez menos dependentes dos fatores tradicionais e mais da dinâmica das massas de ar.

5 - Os livros didáticos de Geografia não só ignoram a interferência do homem na dinâmica dos fatores naturais como o consideram apenas um elemento a mais na "paisagem geográfica". Dessa forma ele é identificado, localizado, enumerado e classificado.

Não aparece o homem concreto, participante de uma sociedade heterogênea, conflitiva, e que se encontra em posições tão diferentes frente ao processo de dominação e exploração da natureza.

Assim como estas, muitas outras correções precisam ser feitas pelos professores para que a Geografia deixe de ser uma disciplina preocupada apenas com a transmissão de informações e se transforme numa ciência voltada para o entendimento e acompanhamento das mudanças que ocorrem na sociedade, e que se refletem na forma de organização do espaço.

A geografia poderá deixar de ser então um saber inútil, alienante e desatualizado.

BIBLIOGRAFIA:

AVANCINI, Elza Gonçalves et alii. *Área de Estudos Sociais - Metodologia*. Livraria Unijuí Editora, Ijuí, RS, 1986.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. *A Natureza na Geografia do Ensino Médio*. In Revista Terra Livre nº1, AGB, 1986.

MORAES, Antonio Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias da. *A Valorização do Espaço*. Hucitec, São Paulo, 1984.

MOREIRA, Ruy (org.). *Geografia: Teoria e Crítica (o saber posto em questão)*. Vozes, Petrópolis, RJ, 1982.

RESENDE, Marcia Spyer. *A Geografia do Aluno Trabalhador: Caminhos para uma Prática de Ensino*. Loyola, São Paulo, 1986.

VESENTINI, José William. *Brasil. Sociedade e Espaço*. Ática, São Paulo, 1984.

---. *O Livro Didático de Geografia para o 2º Grau: Algumas Observações Críticas*. In Anais do Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 1982.